

Da oferta da palavra à aposta no laço social: a conversação como dispositivo metodológico de pesquisa em Psicanálise

Cristina Moreira Marcos¹

Ana Clara Rocha Franco²

Bruna Monteiro Hallak³

Resumo

Neste artigo, propomos delimitar o uso da conversação especificamente como dispositivo metodológico de pesquisa em Psicanálise para então refletir sobre seus impasses e possibilidades clínico-institucionais. Por meio da pesquisa bibliográfica, o percurso metodológico se desenhou da seguinte forma: partimos da circunscrição da pesquisa em Psicanálise, que prioriza o sujeito e seu saber a partir das noções de inconsciente, transferência e associação livre. Em seguida, procedemos pela apresentação da conversação como dispositivo de pesquisa e intervenção em Psicanálise, a partir de seu contexto de surgimento e da caracterização de seu modo de funcionamento. Por fim, abordamos a conversação como aposta no laço social e via de tratamento do real. Como resultado, constatamos que, mais do que um simples método de investigação, a conversação constitui também uma intervenção no campo pesquisado, cujo objetivo é tocar o ponto de real do sujeito, permitindo que emergjam não apenas as narrativas individuais, mas também o sem-sentido que provoca surpresa. As conversações são, antes de tudo, uma metodologia de pesquisa que faz uma aposta no laço social e se configura como uma via de tratamento do real. Um dispositivo metodológico, nesse sentido, não deve ser entendido apenas como um recurso de coleta de dados, mas como um instrumento capaz de produzir novos saberes e de possibilitar intervenções.

Palavras-chave: Conversação, Pesquisa, Psicanálise, Laço social.

1 Doutora em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris 7. Líder do Grupo de Pesquisa Diretorio do CNPq LAPSI – Clínica Psicanalítica Invenções Subjetivas na Atualidade. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas/FAPSI (Minas Gerais, Brasil). Bolsista Produtividade CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2481-2172> E-mail de contato: cristinammarcos@gmail.com Instagram: @o_lapsi

2 Doutoranda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (Minas Gerais, Brasil), na linha de pesquisa “Intervenções Clínicas e Sociais”. Mestra em Psicologia Social na linha Cultura e “Processos de Subjetivação” da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente integra o LAPSI – Laboratório de Clínica Psicanalítica Invenções Subjetivas na Atualidade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0012-9520> E-mail de contato: anaclararfranco@gmail.com Instagram: @anaclararfranco

3 Doutoranda e mestra em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (Minas Gerais, Brasil). Atualmente integra o LAPSI – Laboratório de Clínica Psicanalítica Invenções Subjetivas na Atualidade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4575-2647> E-mail de contato: brunahallakpsi@gmail.com Instagram: @psi.brunahallak

Introdução

A palavra “conversa” tem origem no latim *conversare*, que significa “viver com”, “frequentar”, “relacionar-se com” ou “trocar palavras”. Esse verbo é composto pelo prefixo “com”, que indica companhia ou proximidade, e *versare*, forma frequente de *vertere*, cujo significado é “voltar-se”, “girar”, “mover-se” (Cunha, 2010). Na etimologia, portanto, o sentido da palavra “conversa” implica uma volta para o outro, estar em relação e trocar palavras, ideias, relatos e informações, configurando, portanto, uma relação entre duas ou mais pessoas em que se supõe uma troca e uma relação dinâmica. Esse movimento de “trocar palavras”, como intenção de conduzir a conversa da forma mais livre possível, está no cerne do que, para a Psicanálise, passou a se denominar o dispositivo da conversação.

A conversação foi introduzida na Psicanálise por Jacques-Alain Miller, na década de 1990, como método para abordar impasses clínicos nos encontros da Seção Clínica do Campo Freudiano. Na Convenção de Antibes, os textos clínicos passaram a ser apresentados coletivamente, permitindo que qualquer participante formulasse perguntas durante o encontro. A experiência se expandiu para outras Seções Clínicas e, no Brasil, teve sua primeira realização em Campos do Jordão, promovida pelos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano (Berni, 2023). Em 2001, o Instituto do Campo Freudiano de Barcelona organizou sua primeira Conversação Clínica, da qual resultou a publicação em que Miller (2003a) define o conceito de conversação:

... a conversação é um modo de associação livre caso seja exitosa. A associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes. Um significante chama a outro significante, não sendo tão importante quem o produz em um dado momento. Se confiamos na cadeia significante, vários participam igualmente. Pelo menos é a ficção da Conversação: produzir – não uma enunciação coletiva – mas uma “associação livre” coletivizada, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando tudo corre bem, os significantes de outros me dão ideias, me ajudam, e, finalmente, às vezes resultam em algo novo, um ângulo novo, perspectivas inéditas (pp. 15-16).

A partir dessa proposta inicial de Miller (2003a), em apresentações de casos clínicos, a conversação se delineia como uma prática que aposta em uma oferta da palavra, por meio de uma experiência grupal, da qual se espera que algo novo sobre o caso apresentado possa emergir a partir da circulação da palavra. Pode-se concebê-la como um dispositivo que, diante de um impasse em um caso clínico, permite, por meio da associação livre coletivizada, avançar na direção de um novo saber, produzido a partir de uma reflexão coletiva (Berni, 2023). Santiago (2008) salienta que a precipitação de uma associação livre coletivizada não coincide com uma enunciação coletiva, isto é, um discurso unívoco. Os significantes são particulares, embora não sejam exclusivos do sujeito, de modo que se espera que um efeito de saber se produza, a partir daquilo que não vai bem, ou seja, de um ponto de impasse, de mal-estar.

A partir dos impasses e justamente por intermédio das questões que surgem quando algo não vai bem, o que muitas vezes é traduzido pela emergência do sintoma, o Instituto do Campo Freudiano propôs a criação do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança (Cien), em 1996. O Cien utiliza as conversações para dialogar com outras disciplinas e discursos sobre a infância e a adolescência, sem uma sobreposição do discurso da Psicanálise e colocando

cada uma dessas disciplinas em relação uma com a outra. Para Laurent (1997), um centro interdisciplinar sobre a criança interessa-se pelas dificuldades, problemas, incoerências, disfunções e escândalos que se apresentam na aplicação dos direitos humanos ao sujeito qualificado como criança. O Cien pode, então,

ajudar a produzir as ficções do direito concernentes à criança e que melhor convenham aos terríveis problemas que enfrentam. O Cien não pode produzi-las. Deve se informar dos lugares de gozo (assim como há lugares de memória), se aproximando a outros que precisam desta invenção (Laurent, 1997, p. 2).

No Cien, as práticas de conversação muitas vezes se confundem com as atividades dos laboratórios, parecendo ser mais do que uma metodologia ou um recurso, mas a base de funcionamento do próprio Cien (Berni, 2023). Para Berni (2023), “nessas conversações interdisciplinares é necessário que haja pelo menos um analista. O intervalo, que, como dissemos, está representado pelo hífen de ‘inter-disciplinar’, é o espaço vazio que promove a abertura para a conversação” (p. 110).

A experiência de Lacadée (2007) com as conversações em escolas, utilizadas como forma de intervenção clínica, aproximou esse dispositivo das temáticas da infância e da adolescência no âmbito do Cien. Essa perspectiva, marcada pelos impasses na relação dos sujeitos com o ambiente escolar, foi posteriormente retomada por Ana Lydia Santiago, uma das primeiras a formular a conversação como metodologia de pesquisa-intervenção, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG) (Berni, 2023). Segundo Santiago (2008), o uso desse dispositivo emerge a partir da demanda das escolas diante de crianças identificadas como “problema”, muitas vezes associadas a sintomas e a um desempenho escolar considerado insuficiente pelo corpo docente.

Embora em um primeiro momento a conversação tenha sido proposta como um dispositivo clínico (Miller, 2003a) e posteriormente usada como base para funcionamento da interdisciplinaridade que concebe ao Cien um espaço de intervenções no âmbito da infância e adolescência, a conversação tem assumido, cada vez mais, o lugar de dispositivo coletivo de escuta, passível de utilizações plurais nas quais haja a possibilidade de inserção da associação livre e de produção a partir do discurso do analista, levando em consideração a transferência e o inconsciente como fundamentos da Psicanálise.

Neste artigo, propomos delimitar o uso da conversação especificamente como dispositivo metodológico em pesquisas científicas e refletir sobre os desafios, as potencialidades e as invenções decorrentes dessa utilização, partindo da orientação de que, para Freud (1922/1996), a Psicanálise constitui-se como método de tratamento dos distúrbios mentais e também como um procedimento para a investigação dos processos mentais inconscientes. Desse modo, compreendemos que a conversação pode ser proposta como um dispositivo de pesquisa-ação, pois, mais do que um simples método de investigação, a conversação constitui também uma intervenção no campo pesquisado, cujo objetivo é tocar o ponto de real do sujeito, permitindo que emergjam não apenas as narrativas individuais, mas também o sem-sentido que provoca surpresa (Miranda et al., 2006).

Como afirmam Miranda et al. (2006), “o pesquisador encontra no produto do que se opera a partir dos mal-entendidos da linguagem, nesses pontos em que aparecem os tropeços

e o inédito, o material que será submetido à análise” (p. 4). É nesse entrelaçamento entre o dito e o não dito e entre os deslizamentos da linguagem e o que escapa ao sentido que a escuta se orienta em uma conversação.

Um ponto de partida: a pesquisa em Psicanálise

Inscrita no campo da pesquisa em Ciências Humanas, a pesquisa em Psicanálise prioriza o sujeito e seu saber: “. . . o pesquisador parte sempre do saber do sujeito na pesquisa e não daquilo que ele próprio sabe” (Ferreira, 2018, p. 16). Nesse sentido, a oferta da palavra em uma pesquisa psicanalítica implica a suposição de um saber naquele que fala, tomado como sujeito e não como objeto. Ademais, para reintroduzir o que não se sabe, partindo-se de um ponto de ignorância, é preciso considerar a hipótese do inconsciente (Vorcaro, 2018). Dessa forma, quando se opta pela realização de uma pesquisa psicanalítica, a oferta de palavra em diferentes instrumentos investigativos deve respeitar a regra fundamental da Psicanálise: a associação livre (Ferreira, 2018). Isso significa que a escuta psicanalítica é possível também em outros contextos, para além da clínica, tendo em vista que “. . . o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação” (Rosa, 2004, p. 342).

Desde os tempos de Freud, é conhecida a aspiração do autor de que a Psicanálise pudesse ser compreendida não apenas como uma condição terapêutica, mas também como um método de investigação científica. O autor partiu do sujeito evanescente do ato falho e dos sonhos para produzir um saber fora do sentido, no qual o sujeito encontra-se implicado. Sua formação intelectual bem como a atmosfera positivista e cientificista, típicas de seu tempo, fizeram com que Freud não renunciasse ao seu projeto de fazer da Psicanálise uma ciência. No texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895/1996) explicita seu objetivo já no primeiro parágrafo: “A intenção é prover uma Psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição” (p. 355). No entanto, ao surgir, o inconsciente freudiano demonstrou que o ideal da ciência não podia ser tão unívoco e representável pelo Eu da consciência (Bassols, 2015). O inconsciente lançou luz sobre a cegueira do sujeito da ciência, que tem a ilusão de que tudo pode compreender. A noção de inconsciente desfaz essa ideia, gerando assim uma ferida no narcisismo humano: “O eu não é senhor em sua própria casa” (Freud, 1917/2014, p. 186).

Lacan (1974-1975), por sua vez, reafirma o compromisso inicial de Freud com a ciência, ao salientar que “é então indispensável que o analista seja ao menos dois. O analista para ter efeitos e o analista que teoriza esses efeitos” (p. 5). Apesar disso, os lugares ocupados pela Psicanálise em relação à ciência no ensino de Lacan foram sempre paradoxais, marcados por uma extimidade irredutível. Nos anos 1940, Lacan localiza a Psicanálise como uma “ciência da subjetividade”, ao lado das Ciências Sociais ou da Antropologia. Em 1950, ele a introduz no lugar das “ciências conjecturais”, rompendo com a dicotomia entre “ciências naturais” e “ciências humanas”, numa tentativa de situar a Psicanálise ao lado da Matemática e da Lógica,

como uma ciência conjectural, a partir do simbólico e da linguagem. Desse modo, o sujeito, impossível de ser excluído no “exterior da ciência” e de seu método objetivo e experimental, revela-se como o “interior” próprio ao sujeito do inconsciente freudiano. Com isso, passa a haver uma referência às “ciências da linguagem” como um lugar possível para esse sujeito da Psicanálise na ciência. Mais adiante, nos anos 1970, Lacan vai afirmar categoricamente que a Psicanálise não é uma ciência, mas sim uma prática e um discurso que lidam, desde o seu exterior, com o discurso da ciência (Bassols, 2015).

O que a ciência tenta representar é um saber escrito de antemão, o que não condiz com o real da Psicanálise. A ciência descobre um saber no real, a partir do qual deduz leis que têm um valor universal, por meio de experiências empíricas (Marcos, 2011). O real da Psicanálise, por sua vez, é próprio do campo da sexualidade e da linguagem, que surge como profunda perturbação do gozo e do sentido no ser falante e que se distingue totalmente do real que a ciência crê manejar (Bassols, 2015). O real da Psicanálise é, portanto, aquilo que não pode ser dito, que não é recoberto inteiramente pelas palavras e pelo simbólico, é o que escapa às leis, à realidade, sendo assim inassimilável, excluído de sentido (Marcos, 2011).

É justamente nesse ponto que se cria uma zona abissal entre a Psicanálise e a ciência positivista. O método científico positivista condiciona a sua veracidade à neutralidade do sujeito que produz o saber, com vistas a preservar a análise do objeto da pesquisa. A Psicanálise, por sua vez, não renuncia ao sujeito, haja vista que tem no sujeito do inconsciente o seu próprio fundamento e uma ética que aponta para a impossibilidade do predicado e da universalidade. Outra distinção é que a ciência positivista é referenciada em uma busca pelo saber como verdade, ao passo que a Psicanálise considera o saber somente no *a posteriori* e a verdade como um impossível (Moreira et al., 2018). Isso posto, podemos dizer que a Psicanálise não se contrapõe à ciência, pois vem subverter o lugar do sujeito no discurso científico, à medida que, ao tomar como objeto o inconsciente, aponta para o que escapa ao discurso da ciência, tratando daquilo que não se dá a conhecer (Pinto, 2009). Lacan (1953/1998) afirma, então, que “A ciência avança sobre o real, ao reduzi-lo ao sinal. Mas ela também reduz o real ao mutismo” (pp. 136-137). A esse respeito, Bassols (2015) destaca:

Assim, quanto mais a ciência ganha, avança sobre seu real, em que tudo parece escrito, mais esse real não cessa de se escrever, mais esse real permanece mudo, mais ele se torna sem sentido, mais o sujeito do significante e do gozo é foracluído para retornar como resposta do real; e mais a Psicanálise encontra seu sujeito confrontado com o real do inconsciente, com o seu próprio real, que não cessa de não se escrever. Quanto mais a ciência avança em seus impasses, mais se encontra o sujeito como resposta do real. Pode-se inclusive dizer que a Psicanálise é a página em branco da ciência (p. 155).

O inconsciente freudiano é a página em branco e o inconsciente real, proposto por Lacan em seu último ensino, refere-se àquilo que resta, que não cessa de não se escrever e que torna possível a presença da Psicanálise no interior da ciência, que não deixa de ser malsucedida quando reduz o saber ao conhecimento e o conhecimento à informação (Bassols, 2015). Dada essa controversa relação entre a ciência positivista e a Psicanálise, a realização de uma pesquisa em Psicanálise sempre nos convoca a retomar a relação própria que ela tem com o saber. Miller (1997) afirma que o sujeito na Psicanálise se encontra desligado do

imperativo de saber – ele é convidado a se excluir de saber. Tal prerrogativa pode ser facilmente constatada na clínica psicanalítica, na qual o analisando é convidado a dizer “aquilo que vier à sua cabeça”, fazendo emergir um saber insabido, abrindo espaço para uma brecha, para que o inconsciente possa aparecer, de modo evanescente. O que ocorre então nas pesquisas em Psicanálise? Uma pesquisa visa ao saber? É possível então que o não saber seja convocado, em oposição ao saber? Não se pode deixar de considerar que a Psicanálise se funda em um saber não sabido por si mesmo, o saber inconsciente (Derzi & Marcos, 2013).

Desde o seu surgimento, a Psicanálise pôde parecer destinada a cumprir a difícil missão de construir e tornar presente um saber sobre o desejo, que se mostrasse compatível com os paradigmas da ciência moderna. No entanto, a ruptura epistemológica, que implicava incluir o desejo inconsciente como objeto no campo do saber, revelou a dificuldade de situar a Psicanálise no horizonte das ciências naturais, pois há um impasse, uma impossibilidade estrutural: a própria ciência ocupou o lugar do desejo e o desalojou, deslocando-o para outro lugar em sua aliança com o discurso capitalista. A ciência ocultou a divisão do sujeito que ela mesma encarna, o que dificulta uma ciência do desejo (Bassols, 2015). Apesar de tais impasses, cabe à Psicanálise interrogar a função do desejo e do sujeito no discurso da ciência. Para Bassols (2015), o desejo do analista identifica-se com a pergunta sobre o estatuto próprio à Psicanálise na ciência. Desse modo, o desejo do analista é responsável por incluir a função do desejo inconsciente no campo da ciência e na própria atividade do cientista.

Embora a Psicanálise trate daquilo que não se dá a conhecer, a pesquisa em Psicanálise requer uma metodologia, que seja compatível com o que se pretende investigar, tal como ocorre na pesquisa científica clássica (Moreira et al., 2018). Sendo a associação livre a regra fundamental da Psicanálise, é preciso preservar tal preceito quando se pretende fazer uma pesquisa psicanalítica. Como pensar então o estatuto do sujeito da Psicanálise em uma pesquisa científica?

O desejo inconsciente não é uma variável mensurável, assim como o gozo, impossível de ser localizado no espaço métrico oferecido pelos instrumentos tecnocientíficos, como questionários, entrevistas estruturadas, entre outros métodos tradicionalmente usados nas ciências humanas. Há algo que as tecnologias são incapazes de reduzir: o gozo do corpo, que permanece insondável para a própria Medicina, um inexplicável que não pode ser recoberto pela ciência (Fajnwaks, 2018). O método de pesquisa em Psicanálise não se define a partir do uso de determinado instrumento de produção do conhecimento, mas, antes, a partir da inclusão do desejo do pesquisador na constituição do enigma que sua investigação coloca (Marcos & Meirelles, 2009, p. 151).

Isso posto, parece-nos que a conversação se apresenta como o método que, por excelência, faz uma aposta no inconsciente e no laço social, a partir da circulação da palavra, conforme será discutido no tópico seguinte.

A conversação: um dispositivo metodológico da pesquisa em Psicanálise

Consoante mencionado anteriormente, Miller (2003a) define a conversação, quando bem-sucedida, como um modo de associação livre. Para Freud (1912/1996), a descoberta da associação livre e da atenção flutuante tornou possível a formalização da técnica psicanalítica,

ao instituir que o paciente pudesse dizer tudo o que lhe viesse à mente, sem censura, com o objetivo de revelar conteúdos inconscientes. No texto *Sobre a psicoterapia*, Freud (1905/1996) compara a associação livre com a hipnose, justificando o porquê da substituição da segunda pela primeira, o que constitui o marco inaugural da Psicanálise: “Posso asseverar que o método analítico de psicoterapia é o mais penetrante, o que chega mais longe, aquele pelo qual se consegue a transformação mais ampla do doente” (p. 110). A associação livre, portanto, é o operador fundamental da técnica psicanalítica, na medida em que possibilita a enunciação do inconsciente. Nesse sentido, Coelho e Cunha (2025) destacam que, na pesquisa em Psicanálise, a associação livre deve operar como uma condição tanto ética quanto metodológica da escuta.

A partir dessa articulação entre clínica e pesquisa, a conversação pode ser compreendida como fiel ao método clínico e investigativo freudiano: trata-se da aplicação da escuta psicanalítica orientada pela associação livre. Nesse contexto, Ferrari (2014) acrescenta que a conversação se configura como um procedimento grupal, no qual os sujeitos debatem em torno de um tema disparador e pela experiência da palavra como dom, o dizer de um ressoa no outro, que também se coloca a trabalho. Ainda que se trate de uma dinâmica coletiva, o pesquisador mantém a consideração da dimensão singular do sujeito, uma vez que a associação livre é coletivizada, permitindo, contudo, que pontos específicos possam ser isolados para análise (Ferrari, 2014).

As metodologias de pesquisa qualitativa oferecem diversas ferramentas para a produção e análise de dados em grupo. Convencionalmente, recorre-se a dispositivos como grupos focais, grupos de discussão, entrevistas coletivas, oficinas, observação participante de grupos, atividades dinâmicas, entre outras, que têm como objetivo produzir coletivamente uma resposta para uma questão ou hipótese de pesquisa. A conversação, quando utilizada como metodologia de pesquisa, diferencia-se desses métodos coletivos justamente por não se apoiar em um roteiro previamente definido, nem visar à obtenção de uma síntese ou conclusão do grupo. Isso não significa ausência de rigor técnico, uma vez que seus princípios estão em consonância com aqueles que orientam o exercício clínico da Psicanálise.

Trata-se, portanto, de algo distinto de uma simples troca de ideias ou de uma sobreposição de saberes. A conversação busca instaurar um espaço em que o sujeito possa deslocar algo de suas identificações, das nomeações do Outro e de sua posição diante do mal-estar. Essa forma de mediação valoriza o singular e a história de cada participante, reconhecendo a incompletude inerente ao saber e a inevitável presença de algo que escapa, o que se presta à interpretação sem pretensão de constituir uma verdade única (Barbara & Mello, 2022). Santiago (2006) destaca que na conversação, tal como na clínica psicanalítica, parte-se do sintoma, isto é, daquilo que não vai bem. No entanto, assim como não pretendemos curar o sujeito, uma conversação não visa encontrar problemas, culpados e soluções. O que se pretende é fazer um furo nos saberes previamente estabelecidos, os saberes do Outro, para então tentar deslocá-los e abordá-los de outra forma (Rubim & Besset, 2007). É preciso lembrar ainda que não se trata de uma “terapia grupal”, embora efeitos terapêuticos possam advir das conversações, à medida em que os sujeitos são confrontados com suas próprias falas e podem passar (ou não) a se responsabilizarem por elas a partir de uma reflexão implicada sobre o mal-estar.

Marcos e Meirelles (2009), com base no método clínico freudiano, identificam quatro princípios norteadores da pesquisa em Psicanálise. O primeiro é a inclusão do sujeito, o que implica reconhecer a primazia da singularidade. O segundo destaca que, sendo esse sujeito um sujeito que fala, é necessária atenção ao detalhe, entendido como a precisão que se manifesta no campo da linguagem. O terceiro princípio estabelece que deve ser considerado como dado aquilo que o sujeito consegue nomear; assim, importa mais o que ele diz do que a verificação de um fato em si. Por fim, a pesquisa psicanalítica requer do pesquisador uma posição análoga à do analista na constituição do sujeito suposto saber, ou seja, uma posição de não saber operativa tanto na clínica quanto na pesquisa.

Esses princípios, dos quais as autoras se valem, nos parecem fundamentais para pensarmos alguns pontos para que a conversação seja um dispositivo importante para a produção de uma pesquisa em Psicanálise. A conversação, como metodologia, sustenta a primazia do singular, pois, quando o pesquisador se mantém atento aos significantes de cada um, este não se torna um discurso unívoco, há uma precisão, que também se faz a partir da atenção flutuante e da associação livre, nos significantes que se repetem, nos deslocamentos, trocas, os ditos que surgem entre os discursos, os atos falhos e os silêncios.

Na conversação, assim como apontamos na pesquisa em Psicanálise, o que importa ao analista/pesquisador é o que emerge da fala do sujeito, não se busca uma verificação factual e não se pretende uma objetividade. Assim como apontam Coelho e Cunha (2025) sobre as condições de pesquisa em Psicanálise, a interpretação como restituição da palavra se dá com a escuta, e não do fechamento do saber. Diferentemente de explicar ou categorizar, o interpretar na pesquisa, e aqui fazemos uma aplicação para as conversações, restitui ao sujeito sua própria fala, mas deslocada, de modo a abrir novas associações.

Quando o pesquisador utiliza a conversação como metodologia, a condução do grupo deve ser manejada a partir da transferência. Esse é um aspecto fundamental, pois, ao se oferecer a palavra ao outro, possibilita simbolizações e elaborações que emergem do significante de um, do significante do outro e da abertura para deslocar certas identificações e nomeações. Assim, as conversações operam como um dispositivo de pesquisa no qual o pesquisador, ao propor um ponto de escuta, seja a partir de um impasse, seja de uma pergunta, ocupa também um lugar de intervenção, uma vez que sua presença pode produzir efeitos naqueles que falam.

Rubim e Besset (2007) nos lembram ainda que, na clínica psicanalítica, não há diálogo entre dois sujeitos, haja vista que o analista comparece como suposto saber ou semblante de objeto. Na conversação, por sua vez, a palavra circula e a suposição de saber se endereça ao próprio dispositivo. Nesse sentido, Miller (2003a) assinala que é preciso que haja confiança na cadeia significante, uma aposta no poder da palavra. Podemos traduzir essa “confiança” como algo da transferência, que instaura a possibilidade da associação livre, tanto na experiência clínica quanto na conversação (Rubim & Besset, 2007). Para Coelho e Cunha (2025), se na clínica a transferência exige do analista não ceder ao desejo de conduzir o sujeito, na pesquisa isso se traduz em não dirigir a fala dos participantes a partir de hipóteses rígidas ou expectativas teóricas.

O manejo da conversação implica saber abrir e fechar as comportas da fala, pois não se trata de consentir ao gozo do “blá-blá-blá”, mas de manter uma orientação ética que permita

que o mal-estar encontre lugar na palavra (Laurent, 2004). Desse modo, o pesquisador, assim como o analista, assume responsabilidade pelos efeitos da palavra que oferece e tenta fazer com que os sujeitos também se impliquem em seus discursos e cortá-los, quando necessário, a fim de que a fala não se infinitize no vazio (Miranda, 2010). Os efeitos, que podem advir ou não de uma conversação, caso ela seja exitosa, não se referem a protocolos, planos de desenvolvimento ou propostas de intervenção. Os efeitos que se podem recolher são oriundos das próprias falas dos sujeitos e apontam para uma direção que, conforme ensina Miller (2003b) em *La experiencia de lo real en la cura psicanalítica*, faz “perturbar a defesa”, algo da presença da Psicanálise que faz desalojar, desacomodar.

A Psicanálise vem subverter os imperativos de urgência e prioridade, típicos da civilização atual, fazendo um furo nos discursos vigentes para acolher e tratar demandas de outra forma, abrindo espaço para a emergência do novo por meio da palavra. Porém, para que algo de inédito possa surgir, muitas vezes é necessário que os discursos vigentes, fixados, sejam explicitados. Isso significa que os sujeitos precisam se dar conta do que estão falando. A Psicanálise, desde o seu surgimento, evidencia que aquele que fala comumente não consegue ouvir o que diz, o que dificulta a implicação do sujeito em suas queixas e o reconhecimento de sua responsabilidade no próprio sofrimento. Assim, a partir da escuta do outro, o sujeito pode conseguir falar de si e então se escutar. Quando exitosa, a conversação pode fazer com que seja possível escutar por onde passa o sofrimento, abrindo possibilidades para o tratamento do real sinalizado pela angústia (Rubim & Besset, 2007).

Miranda et al. (2006) consideram alguns pontos para a organização metodológica de uma conversação. É preciso considerar que não é possível determinar previamente a que pontos uma conversação irá chegar, embora se possa ter hipóteses do que irá emergir. É a oferta da palavra e a aposta na construção coletiva que permitirá que se chegue (ou não) a algo inédito. Os autores ressaltam ainda a importância de se ter um número predeterminado de encontros, de o analista/pesquisador não se propor a apresentar soluções aos problemas que surjam e de se atentar às surpresas e mal-estares que podem ser produzidos, pois estes dizem da emergência do real e da possibilidade do novo. Para o início de uma conversação, é possível que quem a conduz faça uso de recursos como perguntas, filmes, textos, imagens, músicas, entre outros. Dessa forma, os participantes são estimulados a se expressar e a construir algo novo a partir de suas próprias experiências, tendo como ponto de início certos “disparadores”.

Ademais, é preciso que o responsável por conduzir a conversação seja, além de pesquisador ou um psicanalista em formação, alguém que é, simultaneamente, analisante e praticante da Psicanálise e que pode atuar em dupla com um aluno de graduação ou pós-graduação. Enquanto um se ocupa de movimentar a conversação, promovendo a circulação da palavra e fazendo a engrenagem girar, o outro o acompanha com atenção redobrada aos significantes que se repetem, aos efeitos desencadeados por um significante específico e aos movimentos discursivos paralelos ao tema principal, buscando incluí-los na escuta. Além disso, esse segundo integrante oferece apoio nos diferentes momentos da experiência (Berni, 2023; Miranda et al., 2006).

É relevante ainda que se possa fazer uma supervisão do material que se recolhe nas conversações, de preferência com um psicanalista que não seja participante da pesquisa, para

que assim se possa identificar os impasses e as invenções presentes nas falas dos sujeitos. Tais pontos, levantados neste tópico, não são regras ou protocolos a serem seguidos rigidamente, mas sim orientações, ou melhor, condições que pretendem favorecer a circulação da palavra e o êxito das conversações. No entanto, tendo em vista que o que há de mais central são os sujeitos, não é possível garantir que uma conversação será bem-sucedida.

A conversação como aposta no laço social e via de tratamento do real

Em *Linhas de progresso na terapia analítica*, Freud (1919[1918]/1996) postulou que “mais cedo ou mais tarde”, ou seja, um dia, com certeza, haveria “instituições ou clínicas de pacientes externos”, para os quais “seriam designados médicos analiticamente preparados”. Diante disso, caberia aos analistas adaptarem a técnica às novas condições, insistindo em uma “... Psicanálise estrita e não tendenciosa”. O que foi de alguma forma previsto por Freud hoje é uma realidade: a Psicanálise está presente no espaço público, nas escolas, nas “quebradas”, nas instituições de saúde e de justiça, de modo que alcança contextos e problemáticas que anteriormente estavam fora da atuação do psicanalista (Rubim & Besset, 2007). Com isso, muitas vezes os analistas são convocados a estarem presentes nas mais diversas instituições quando algo não vai bem. A presença do analista nas instituições pode se dar também por meio das próprias pesquisas científicas, nas quais se elege um campo investigativo. Seja por demanda institucional, seja por demanda do pesquisador que procura a instituição para realizar sua pesquisa, o que pretendemos aqui é elucidar que a conversação não é uma forma de atender às demandas institucionais em momentos de crise. As conversações são, antes de tudo, uma metodologia de pesquisa, que ratifica o compromisso estabelecido por Freud e reafirmado por Lacan de fazer da Psicanálise não apenas um modo de intervenção terapêutico, como também um método de investigação.

Sobre as conversações realizadas em âmbito institucional, Rubim e Besset (2007) esclarecem:

A prática da conversação, em uma instituição, visa à inauguração de uma prática de fala distinta daquela praticada no dia a dia, e, a partir dela, a produção de um saber em que a responsabilidade de cada um dos que estão envolvidos nela encontra-se engajada (p. 45).

Nesse sentido, é preciso levar em consideração que a emergência do sujeito pode implicar uma desorganização das regras institucionais. Assim, pode-se dizer que a conversação não está a serviço da instituição, mas sim do sujeito. O que é dito por um, no contexto do grupo, ressoa no outro e pode abrir novas perspectivas (Miranda, 2010). É nesse efeito de deslocamento que a conversação adquire seu caráter intervencionista. Se os sintomas indicam algo que se fixou, o espaço criado para o exercício da palavra pode provocar mudanças e, quem sabe, possibilitar um deslocamento do gozo ao qual o sujeito se encontra aprisionado. Não é o objetivo da conversação substituir uma identificação por outra melhor, fazendo uso da palavra em prol de um ideal benfeitor. As conversações conduzidas pela ética da Psicanálise têm o uso da palavra como causalidade psíquica, e não em benefício de uma psicoterapia científica, generalizada e generalizante, que desconhece o sujeito (Miranda et al., 2006).

Ainda sobre os possíveis efeitos da conversação e sobre a presença da Psicanálise nas instituições, Rubim e Besset (2007) sinalizam que ao encontrarmos analistas nos hospitais, nas escolas, nos fóruns mais próximos podemos estar perto daquilo que a experiência analítica impõe: a emergência do real (Forbes, 1998). A conversação, então, segundo os autores, pode ser ainda uma forma de tratamento do real. Questionamos, então: qual tratamento do real pode uma conversação operar? Não há uma resposta unívoca, mas, ao ofertar espaços de fala, busca-se revelar pontos ocultos e contraditórios nos discursos circulantes. A conversação, baseando-se no dizer de um que ressoa no outro e que se coloca a trabalho, é, portanto, uma aposta no laço social, na construção de novos significados a partir de um debate vivo, reflexivo. Porém, apesar da possibilidade de reverberação de seus efeitos, a conversação insiste em evidenciar aquilo que desde sempre é colocado pela Psicanálise: nem tudo se sabe, nem tudo se transmite, nem tudo é útil, nem tudo pode ter um sentido – é aí que se encontra o real, aquilo que excede, impossível de dizer (Rubim & Besset, 2007).

Considerações finais

Pretendeu-se, com este artigo, apresentar a conversação como um dispositivo metodológico da pesquisa em Psicanálise que aposta no laço social e se configura como uma via de tratamento do real. Um dispositivo metodológico, nesse sentido, não deve ser entendido apenas como um recurso de coleta de dados, mas como um instrumento capaz de produzir novos saberes e de possibilitar intervenções, por exemplo, em instituições ou políticas públicas. Ao sustentar a produção de um novo saber, ele pode oferecer meios de enfrentamento à segregação, aos discursos totalitários e universalizantes. É por essa via que situamos a conversação como metodologia de pesquisa e de intervenção, um dispositivo que, pela oferta da palavra, pode introduzir a possibilidade de deslocamento no campo estudado. Como ressaltamos ao longo do texto, a conversação não é uma metodologia protocolar que tem garantia de êxito. Ela pode acontecer ou não, mas, quando exitosa, pode representar movimentos de desacomodação, de perturbação na homeostase, no *status quo* – há algo que se desaloja fazendo emergir o inédito.

A conversação, assim, se ancora na ética do analista em seu tempo. No mundo contemporâneo, globalizado e regido pelo universal e pela homogeneização, o singular de cada um encontra-se cada vez mais esmagado. A aposta no dom da palavra, própria da conversação, afasta-se do discurso universalista e se abre para o particular de cada um. Se a instituição opera a partir de um saber da ordem do universal, ditado pelas políticas públicas, a conversação pode subverter essa lógica ao se interessar pelo não-sabido. Desse modo, aposta-se no mal-entendido, no fora de sentido e no furo do dizer como uma ausência fundamental.

Por fim, é fundamental reconhecer que há o limite da palavra e que a conversação não pode estar no lugar do ideal, do todo, do que preenche. Não há como medir seus efeitos, metrificar seu alcance, garantir sua utilidade. Metodologia de pesquisa por excelência, que preserva os fundamentos da Psicanálise, a conversação também comporta seus furos. Mais uma vez, sinalizamos: nem tudo pode ser dito, sabido ou transmitido – e é justamente nisso que reside o segredo da Psicanálise.

Referências

- Barbara, M. M. S. & Mello, I. M. (2022). A conversação como um dispositivo de Psicanálise em extensão. *Revista UFG*, 22(28), e22.73999. Recuperado em 25/08/2025 de: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/73160>.
- Bassols, M. (2015). *A Psicanálise, a ciência, o real*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Berni, J. T. (2023). *Adormecimento psíquico e despertar do inconsciente: a conversação com adolescentes na cultura digital*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Coelho, D. & Cunha, E. (2021). Quatro condições para a pesquisa em Psicanálise. *Psicologia USP*, 32, e190162, 1-9. Recuperado em 12/07/2025 em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190162>.
- Cunha, A. G. (2010). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Derzi, C. & Marcos, C. (2013). Supervisão em Psicanálise na universidade. *Psicologia em estudo*, 18(2), 323-331. Recuperado em 19/02/2023 em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/xdH37hCLN8qHyyJRfqsQ8Qb/?format=pdf&lang=pt>.
- Fajnwaks, F. (2018). Corpo conectado/corpo falante. In Lima, N. L. Et al. (Orgs.), *Corpo e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. (pp. 19-31, M. R. Nobre, Trad.). São Paulo: Quixote+Do.
- Ferrari, I. F. (2014). *Relatório da pesquisa Mulheres encarceradas: laços com o crime, desenlace familiar*. Belo Horizonte: Biblioteca da PUC Minas.
- Ferreira, T. (2018). Prefácio. In Ferreira, T. & Vorcaro, A. (Orgs.), *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita*. (pp. 13-16). São Paulo: Autêntica.
- Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia. In Freud, S., *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 279-324). Imago. (Obra original publicada em 1922).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia científica. In Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (vol. 1., pp. 355-410). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In Strachey, J. (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XII, pp. 147-159). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1996). Sobre a psicoterapia. In Freud, S., *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (vol. VII, pp. 263-278). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2014). Uma dificuldade da Psicanálise. In Freud, S., *Obras Completas – História de uma neurose infantil, “O homem dos lobos”, Além do princípio do prazer e outros textos*. (pp. 180-187, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).
- Freud, S. (1996). Linhas de progresso na terapia analítica. In Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (vol. 17, pp. 171-181). Imago. (Obra original publicada em 1919[1918]).

- Lacadée, P. (2007). A vinheta prática tal como ela se elabora no laboratório do CIEN. *CIEN Digital*, (2), 7-9. Recuperado em 25/08/2025 em: <https://ciendigital.com.br/wp-content/uploads/2018/11/CIEN-Digital02.pdf>.
- Lacan, J. (1974-1975). *O Seminário, livro 22: RSI*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In Lacan, J., *Escritos*. (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Laurent, É. (1997, novembro). As vias do CIEN. *CIEN Digital*. Recuperado em 25/08/2025 em: <https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/28/as-vias-do-cien/?print=print>
- Laurent, É. (2004). CIEN, Instituto del Campo Freudiano. *Cuaderno*, (5).
- Marcos, C. (2011). Considerações sobre o feminino e o real na Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 149-156. Recuperado em 14/05/2023 em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/SGBT3hbfBTd8GgNnGvPXHzK/>.
- Marcos, C. M. & Meirelles, J. M. (2009). O método clínico freudiano como norteador da pesquisa psicanalítica. In Gonçalves, B. D., Fior, C. A. & Oliveira, V. P. (Orgs.), *A pergunta e os métodos: percursos metodológicos em Psicologia*. (pp. 149-163). Curitiba: Editora CRV.
- Miller, J.-A. (2003a). Problemas de pareja, cinco modelos. In Miller, J.-A. et al., *La pareja y el amor: conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona*. (pp. 15-20). Lisboa: Paidós.
- Miller, J.-A. (2003b). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Lisboa: Paidós.
- Miranda, M. P. (2010). *O mal-estar do professor em face da criança considerada problema: um estudo de Psicanálise aplicada à Educação*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Miranda, M. P., Vasconcelos, R. N. & Santiago, A. L. B. (2006). Pesquisa em Psicanálise e Educação: a conversação como metodologia de pesquisa. *Psicanálise, Educação e Transmissão*, 6. Recuperado em 25/08/2025 em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100060&lng=en&nrm=abn.
- Moreira, J. O., Oliveira, N. A. & Costa, E. A. (2018). Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. *Tempo Psicanalítico*, 50(1), 119-142. Recuperado em 02/12/2025 em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200007.
- Pinto, J. M. (2009). Uma política de pesquisa para a Psicanálise. *CliniCAPS: impasses da clínica*, 7, 8-26.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2) 329-348. Recuperado em 11/09/2025 em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008.
- Rubim, L. & Besset, V. (2007). Psicanálise e Educação: desafios e perspectivas. *Estilos da Clínica*, 12(23), 36-55. Recuperado em 02/12/2025 em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282007000200004.
- Santiago, A. L. (2006). O mal-estar na Educação e a “Conversação” como metodologia de pesquisa-intervenção em Psicanálise e Educação. *Jornadas do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas*, Rio de Janeiro, Brasil.

Marcos, C. M., Franco, A. C. R. e Hallak, B. M.

- Santiago, A. L. (2008). O mal-estar na Educação e a conversação como metodologia de pesquisa: intervenção em Psicanálise e Educação. In Castro, L. R. & Besset, V. L. (Orgs.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. (pp. 113-131). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Vorcaro, A. (2018). Transmissão e saber em Psicanálise: (in)passes da clínica. In Ferreira, T. & Vorcaro, A. (Orgs.), *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita*. (pp. 41-62). São Paulo: Autêntica.

From offering words to investing in social bonds: conversation as a methodological device for research in Psychoanalysis

Abstract

In this article, we propose to delimit the use of conversation specifically as a research method in Psychoanalysis, in order to reflect on its clinical and institutional impasses and possibilities. Through bibliographic research, the methodological path was designed as follows: we started from the circumscription of research in Psychoanalysis, which prioritizes the subject and their knowledge based on the notions of the unconscious, transference, and free association. Next, we proceeded to present conversation as a research and intervention device in Psychoanalysis, based on its context of emergence and the characterization of its mode of operation. Finally, we addressed conversation as a bet on the social bond and a way of treating the real. As a result, we found that more than a simple research method, conversation also constitutes an intervention in the field under investigation, whose objective is to touch the subject's real point, allowing not only individual narratives to emerge, but also the nonsense that causes surprise. Conversations are, above all, a research methodology that focuses on social bonds and serves as a way of dealing with reality. In this sense, a methodological device should not be understood only as a means of data collection, but as an instrument capable of producing new knowledge and enabling interventions.

Keywords: Conversation, Research, Psychoanalysis, Social bonds.

De la oferta de la palabra a la apuesta en el lazo social: la conversación como dispositivo metodológico de investigación en Psicoanálisis

Resumen

En este artículo proponemos delimitar el uso de la conversación específicamente como dispositivo metodológico de investigación en Psicoanálisis, para luego reflexionar sobre sus impasses y posibilidades clínico-institucionales. A través de la investigación bibliográfica, el recorrido metodológico se trazó de la siguiente manera: partimos de la delimitación de la investigación en Psicoanálisis, que prioriza al sujeto y su saber a partir de las nociones de inconsciente, transferencia y asociación libre. A continuación, procedemos con la presentación de la conversación como dispositivo de investigación e intervención en Psicoanálisis, a partir de su contexto de surgimiento y de la caracterización de su modo de funcionamiento. Finalmente, abordamos la conversación como apuesta por el lazo social y como vía de tratamiento de lo real. Como resultado, constatamos que más que un simple método de investigación, la

conversación constituye también una intervención en el campo investigado, cuyo objetivo es tocar el punto de lo real del sujeto, permitiendo que emerjan no solo las narrativas individuales, sino también el sinsentido que provoca sorpresa. Las conversaciones son, ante todo, una metodología de investigación que apuesta por el lazo social y se configura como una vía de tratamiento de lo real. Un dispositivo metodológico, en este sentido, no debe ser entendido únicamente como un recurso de recolección de datos, sino como un instrumento capaz de producir nuevos saberes y de posibilitar intervenciones.

Palabras clave: Conversación, Investigación, Psicoanálisis, Lazo social.

De l'offre de la parole au pari sur le lien social: la conversation comme méthode de recherche en Psychanalyse

Résumé

Dans cet article, nous proposons de délimiter l'utilisation de la conversation spécifiquement comme méthode de recherche en Psychanalyse afin de réfléchir ensuite à ses impasses et possibilités cliniques et institutionnelles. À travers la recherche bibliographique, le parcours méthodologique s'est dessiné de la manière suivante : nous sommes partis de la circonscription de la recherche en Psychanalyse, qui privilégie le sujet et son savoir à partir des notions d'inconscient, de transfert et d'association libre. Nous avons ensuite présenté la conversation comme méthode de recherche et d'intervention en Psychanalyse, à partir de son contexte d'émergence et de la caractérisation de son mode de fonctionnement. Enfin, nous avons abordé la conversation comme un pari sur le lien social et un moyen de traiter le réel. En conclusion, nous avons constaté que plus qu'une simple méthode de recherche, la conversation constitue également une intervention dans le domaine étudié, dont l'objectif est de toucher le point réel du sujet, permettant ainsi d'émerger non seulement les récits individuels, mais aussi le non-sens qui provoque la surprise. Les conversations sont avant tout une méthodologie de recherche qui mise sur le lien social et se configure comme un moyen de traiter le réel. Une méthode de recherche, en ce sens, ne doit pas être comprise uniquement comme un moyen de collecte de données, mais comme un instrument capable de produire de nouveaux savoirs et de permettre des interventions.

Mots-clés: Conversation, Recherche, Psychanalyse, Lien social.

Recebido em: 14/09/2025

Revisado em: 23/09/2025

Aceito em: 21/10/2025